

Centro: Licenciaturas

Curso: Letras

Título: CULTURA JUDAICA E O TEATRO ÍDICHE NO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XX.

Autores: Ribeiro, P.

Email: paula.ribeiro@estacio.br

IES: UNESA

Palavra Chave: Teatro Ídiche Cultura Judaica Memória e imigração Judeus-Brasil

Resumo:

Em meados do século XIX, a literatura ídiche tornou-se a expressão do judaísmo europeu, lidando com temas universais através da ótica resultante da história e da cultura judaica. O século XIX marca também o início da grande imigração de judeus asquenazitas para as Américas, que irão se radicar principalmente nos Estados Unidos, Canadá e Argentina, chegando ao Brasil no início do século XX. Aqui, os imigrantes judeus europeus radicaram-se principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas comunidades formaram-se também em Porto Alegre, Belo Horizonte, Curitiba, Salvador e Recife. Encenadas por atores amadores, as peças expressavam a relação do grupo com seu passado e a necessidade de reafirmar sua identidade judaica no país emigrado. O projeto de pesquisa intitulado “Cultura judaica e o teatro ídiche no Rio de Janeiro no século XX”, desenvolvido no âmbito da Universidade Estácio de Sá, tem como um dos objetivos reunir material textual e iconográfico sobre as atividades do teatro ídiche no Rio de Janeiro, e tornar pública esta manifestação artística e cultural de imigrantes judeus, pouco estudada na historiografia brasileira. Foi na Praça Onze, no centro do Rio, nas primeiras décadas do século XX, que muitos imigrantes judeus da Europa Central e Oriental se estabeleceram. Dividiam o espaço com outros grupos da população pobre da cidade, naquele espaço que ficou famoso como o reduto do samba, frequentado pela boemia da época. A comunidade judaica asquenazita de então, era composta por alfaiates, gráficos, pequenos comerciantes, torneiros, mecânicos, ourives, intelectuais e ativistas políticos, e tinham na Praça Onze o seu ponto de referência. Mas foi na Biblioteca Israelita Brasileira Scholem Aleichem (BIBSA), que reunia os judeus de ideologia progressista (chamados de roiter, vermelhos), que se formou o grupo teatral amador mais importante da comunidade: o Dram Krajs (Círculo Dramático) da BIBSA. Jovens imigrantes vindos da Rússia, Polônia e Bessarábia, que haviam trazido consigo a educação recebida nas escolas judaicas e alguma militância política nos países de origem, produziram mais de quarenta espetáculos teatrais entre 1940 e 1960. Um extenso acervo fotográfico e documental, reunido e conservado pelo ator e diretor amador Jechiel Hirsz Blank, polonês que chegou no Brasil em 1935, assim como os arquivos do projeto Memória do Teatro Ídiche no Brasil (CIEC/ECO/UFRJ) e do arquivo da Associação Scholem Aleichem (ASA), possibilitam a recuperação deste período e de tão expressiva atividade cultural. As fotos, de excelente qualidade, do fotógrafo Carlos (Károly) Moscovics) também testemunham o apuro das montagens. O primeiro documento sobre as atividades do Dram Krajs da BIBSA data de 1943 e o discurso de abertura da noite, com o título ‘Os Nossos Primeiros Passos’, era assinado pelos diretores da peça H. Blank e J. Landa e dizia: “Antes de subir ao palco, o nosso coração palpita. Antes de escrever qualquer coisa sobre teatro, a mão vacila e treme. O teatro é parte integrante, orgânica de nossa vida. Para viver é preciso respirar. Para viver é preciso se alimentar. O teatro é necessário à vida cultural de um povo, como o é o pão de cada dia, seja onde for e sem diferença da linguagem em que for construído.” Para o Dram Krajs, o ídiche representava mais do que a língua materna, era a representação da cultura que dava significado ao grupo, cujo repertório tinha como traço comum o repúdio à prepotência e à discriminação, a valorização do ser humano e o anseio pela igualdade social. Já não há mais representação do teatro ídiche no Brasil, mas a tradição teatral permaneceu e no cenário do teatro nacional foram surgindo nomes de artistas de origem judaica como Eva Tudor, José Lewgoy, Theresa Rachel, Nathalia Thimberg, Ida Gomes, Mauricio Sherman, Felipe Wagner, Dina Sfat e outros, das novas gerações, que integram-se diretamente na vida artística nacional.☐

